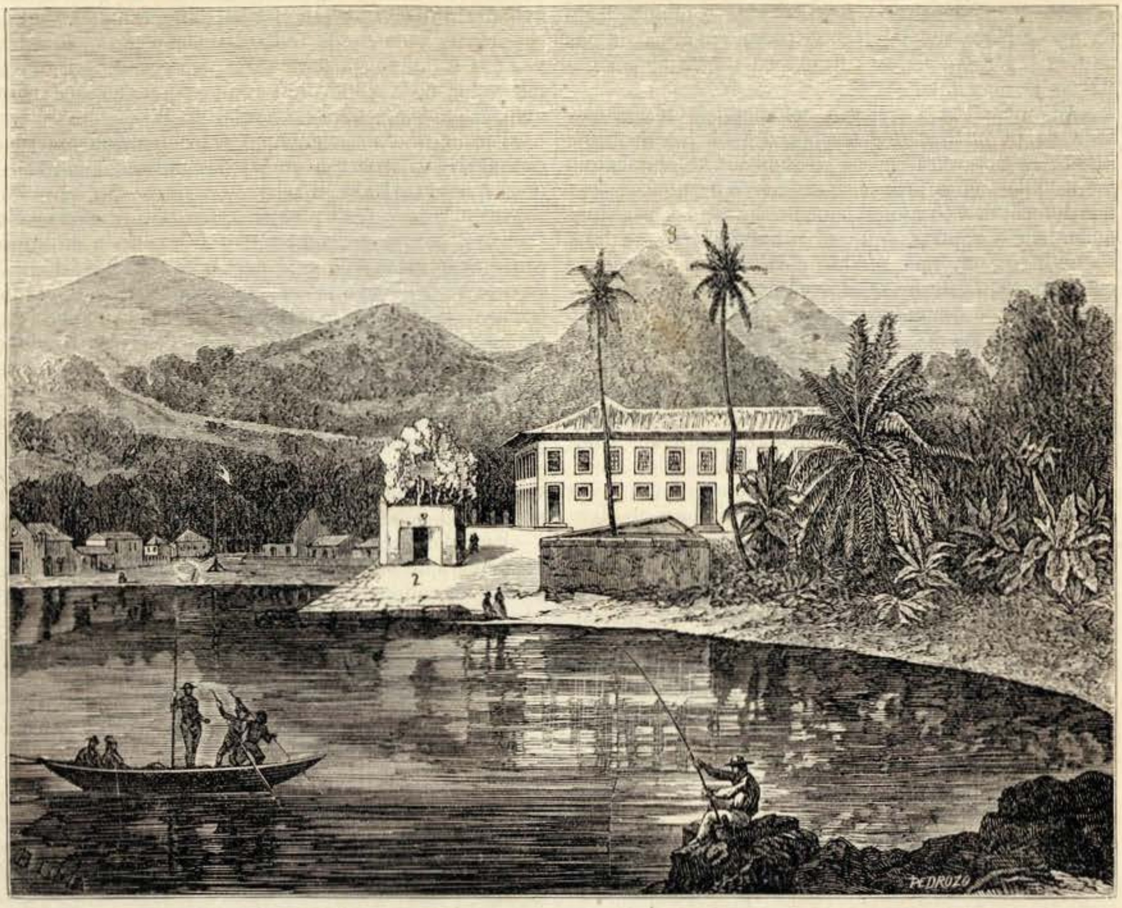


1 Quartel — 2 Alfandega — 3 Pico do Papagaio — 4 Residencia do governador da ilha do Principe, na cidade de Santo Antonio

ILHA DO PRINCIPE

(Vid. pag. 204)

A segunda gravura, com a qual acompanhâmos este artigo, representa a cidade vista da margem direita do porto, a meia bahia. Podem entrar n'este braço de mar navios de grande lotação; comtudo, aquelles que não querem demorar-se fundeiam para fóra da ponta da Mina, onde o porto é mais largo.

Ha outros portos que tambem são bons fundeadores, mas que não estão abertos ao commercio. Um, sobre todos mais vasto, magestoso e seguro, é a bahia de Oeste, conhecida tambem pelo nome de bahia das Agulhas, ou bahia da Praia Grande. A ella concorrem as embarcações de guerra para fazer aguada. É aberta entre o Pico do Padrim ao N. e Focinho de Cão a OSO.

Não é possivel dar uma descripção exacta do aspecto geral do paiz: tão variadas, indefinidas e phantasticas são as suas fórmas. É o mais pittoresca que se póde imaginar, composta, como diz Lopes de Lima, de «montes altissimos, cerros encadeados, picos pyramidaes e penhascos salientes de mil fórmas diversas.»

O seu arvoredo virgem é basto, copadissimo e gigante. A vegetação é esplendida e permanente, conservada por suas preciosas ribeiras, as quaes se alimentam constantemente da agua despenhada das montanhas.

Está a ilha do Principe situada proximo de 140 milhas a SO. de Fernando Pó, na latitude de 1° 25′ N. e longitude 7° 20′ L. de Greenwich. Tem, pouco mais ou menos, 7 legoas de circunferencia e 8 milhas na sua maior largura.

Começa ao sul no ilhéo do Caroço, que é designado nas cartas inglezas com o nome de *Dutchman's Cap*, e acaba ao norte na ponta do Capitão e ilhéo dos Mosteiros. A área do seu terreno póde calcular-se em 80 milhas quadradas, attenta a sua accidentação. A população da ilha do Principe não excederá talvez 6:000 habitantes. Perdi a nota que possuia da estatistica official, mas nem por isso perde o leitor em sabel-a, se attender a que n'estas terras faltam os meios de verificar com exactidão taes estatisticas, e se não, veja-se como são discordes as informações das auctoridades. Demais, nos annos de 63 e 64 a mortalidade foi espantosa por causa da epidemia das bexigas; as informações officiaes são, porém, accordes em informar que a mortalidade está ha muitos annos em desproporção com o numero de nascimentos; e por isso deve-se acreditar que a população de hoje é menor do que ha vinte annos.

Se se acreditar no registo dos escravos, o numero d'estes na ilha do Principe não passa de 1:200. O resto da população é de gente preta. O numero de pardos é insignificante. E para que se avalie quão pouco predomina alli o elemento europeu, mencionarei o numero que d'elles existe no Principe. Em 1865 contavam-se unicamente 4 funccionarios europeus, 4 negociantes proprietarios, 4 cultivadores e talvez 6 degredados, o que fórma o numero de 18.

Ácerca da agricultura e commercio da ilha do Principe, limitar-me-hei a transcrever parte das informações officiaes que eu proprio enviei para subirem á apreciação do governo de sua magestade.

Eis o que disse nos principios de 1866:

«Não deve ser a ilha do Principe considerada uma

povoação sem recursos. Quem não empregar attento exame póde julgal-a em ruinosa decadencia, olhando sómente para a carestia de muitos generos, para a pobreza e indolencia do povo, e para o mau aspecto da maior parte das habitações, porque nem as antigas se tem reparado, nem se tratou de substituir por novas as já demolidas.

«Alterações na legislação commercial: terem cessado de frequentar este porto e o da bahia de Oeste muitos navios estrangeiros costumados antigamente a vir a ambos elles prover-se de refrescos e provisões; não ter sido renovado o elemento europeu n'esta ilha, onde houve riquezas que se subdividiram, e a final se extinguiram, não sendo substituidas; a fugida e extravio constante de muitos escravos, isto é, a constante falta de trabalhadores; e, finalmente, a epidemia das bexigas que flagellou esta povoação em 1864, roubando muitos braços á agricultura; taes foram, a meu ver, as circunstancias que successivamente tem concorrido, não para a decadencia da ilha, mas para uma certa atonia e uma certa indifferença dos habitantes pela sua propria prosperidade.

«Mas, apesar de tantos contratempos, nunca as receitas publicas apresentaram sensivel diminuição. Tem sido pouco satisfatorias, é verdade, principalmente se se considerar que só o pessoal da alfandega absorvia mais de metade do rendimento. A despeza de ordenados a empregados, salarios aos braçaes e percentagem, orça por 2:400$000 réis provinciaes, e a receita média dos dez annos anteriores foi de 4:000$000 réis; porém nos dois ultimos annos (1864 e 1865) começou a tomar maior vulto o movimento agricola, como se prova pela exportação, e d'ahi proveiu sensivel differença para mais nas receitas correspondentes.

«Portanto, muito mais deve esperar do futuro quem attender a que não menos de quatro quintas partes dos terrenos da ilha estão ainda por conquistar para a agricultura, e a que o augmento de 33 por cento na pauta nova sobre os generos de principal consumo (aguardente e algodões) deve produzir augmento nas receitas.

«Eis o rendimento d'esta alfandega no decennio comprehendido entre 1855 e 1864, inclusivè:

1855	3:364$247	réis provinciaes
1856	4:295$782	»
1857	3:021$435	»
1858	4:085$237	»
1859	3:013$818	»
1860	4:910$962	»
1861	3:155$132	»
1862	4:605$753	»
1863	4:584$274	»
1864	5:453$418	»

«Vê-se, portanto, que a média do rendimento dos primeiros cinco annos foi de 3:552$703 réis; o do segundo quinquiennio foi de 4:541$907 réis; e o rendimento de 1865 de 7:248$715 réis.

«Houve, pois, no rendimento de 1865 uma differença sobre a média dos ultimos cinco annos de 59 por cento; e de mais de 100 por cento sobre a média dos primeiros cinco. Será ainda pequena esta differença, mas é muito promettedora, porque, a meu ver, provém, em grande parte, do começo de desenvolvimento da agricultura, como affirmei e se vê da seguinte nota dos principaes generos de exportação nos cinco annos abaixo mencionados:

CACAU

1861	72:002	kilogrammas
1862	203:479	»
1863	168:229	»
1864	173:619	»
1865	252:857	»

CAFÉ

1861	6:627	kilogrammas
1862	20:161	»
1863	19:956	»
1864	7:125	»
1865	8:888	»

«A média da exportação de cacau nos quatro annos de 1861 a 1864 foi de 154:332 kilogrammas; e a differença para mais em 1865 de 63 por cento.

«Média da exportação do café nos referidos 4 annos (de 1861 a 1864), 13:461 kilogrammas; differença para menos em 1865, 34 por cento.

«Mas a differença para mais, em cacau, representa um valor de 12:808$250 réis; e a differença para menos, em café, 998$222 réis.

«Portanto, o excedente do valor total da exportação em 1865, sobre a média dos ultimos quatro annos, é de 11:310$028 réis.

«Demoro-me n'estas explicações, talvez demasiado prolixas, porque seria para causar reparo a diminuição da exportação de café depois de 1862 e 1863.

«Em verdade não sei a que deva attribuir esta differença. Inclino-me a crer que a grande exportação d'aquelle genero, só nos dois annos referidos, se deve attribuir ou a deposito que existia, ou a falta de algum proprietario que mais se dedicava áquella cultura, ou a terem os habitantes reconhecido que mais proveito lhes resultaria da plantação de cacau.

«Demonstram, porém, estes dados que tal differença não é para sentir, visto o consideravel augmento da exportação do cacau.

«Para dar idéa do movimento maritimo d'este porto, penso que satisfará a seguinte nota do numero de navios de commercio e somma da sua tonelagem nos annos abaixo mencionados:

	1861		1862		1863		1864		1865	
	Nav.	Ton.	Nav.	Ton.	Nav.	Ton.	Nav.	Ton.	Nav.	Ton.
Portuguezes	15	1:332	18	1:820	17	2:617	28	6:265	35	17:272
Inglezes	7	597	10	1:140	9	1:966	3	242	4	366
Francezes	2	272	2	424	2	424	4	1:180	3	830
Hespanhoes	1	82	6	437	2	252	1	60	4	360
Americanos	1	280	2	591	-	-	1	147	-	-
Hamburguezes	1	235	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	27	2:798	38	4:412	30	5:259	37	7:894	46	18:828

«Esta nota comprehende tambem as embarcações de cabotagem. Os paquetes da companhia geral de navegação portugueza estão considerados como se fossem nacionaes, e são elles que produzem a grande differença de tonelagem que se nota na ultima columna do mappa, por estarem contadas as viagens de ida e volta de cada paquete como se fossem navio diverso.

«Vê-se que o numero de navios estrangeiros vae diminuindo, talvez por não poderem as mercadorias n'elles transportadas competir em preço com as nacionaes ou com as reexportadas de Lisboa, que vem a pagar menos direitos. Os navios mercantes portuguezes tendem egualmente a concorrer menos a este porto, por causa de se fazer nos vapores a maior parte dos embarques.

«Para dar noticia mais circunstanciada ácerca do movimento do porto e commercial d'esta ilha, desejára apresentar a estatistica completa, ao menos do ultimo decennio; mas para colligir os precisos dados careceria de tempo demasiado, e, forçoso é confessal-o, não se encontra a escripturação antiga em uma ordem tão regular que seja facil esse trabalho.»

(Continúa) F. DE LENCASTRE.

ABENÇOADOS SEJAM OS QUE PERDOAM

(Vid. pag. 211)

VI

O sanctuario de Begonha acha-se em uma collina que domina a villa. Em um extremo d'esta, na praça aformoseada por edificios notaveis, entre os quaes sobresae o magnifico palacio onde se acha estabelecido o instituto de Biscaya, sae o prolongado caminho que termina no cume da collina de Mallona, coroada por um cemiterio, onde jaz a flor da mocidade vasconça,

sacrificada n'aquelle horrivel assedio de 1836, que cobriu de gloria e de lucto a villa e a patria!

Muitas vezes na meninice, indo com minha mãe ao templo da Virgem de Begonha, penetrei n'aquelle cemiterio, e percorri com a indifferença da criança as suas ruas de rosaes, que não me atrevo a chamar bellas, porque de certo não póde encontrar-se belleza nas enramadas onde a morte occulta os despojos das suas victimas.

Mais de vinte annos depois, procurando por toda a parte as recordações da minha infancia para retemperar com ellas o meu coração angustiado pelos pezares longe do valle natal, quiz entrar n'aquelle recinto funebre. Acompanhava-me um amigo, que, mais feliz que eu, não deixára nunca o valle onde veiu ao mundo, as margens do Ibaizabal, que ama como eu os valles encartados, e ao ver-me dirigir os passos para o cemiterio, parou, dizendo-me:

— Tu, que só tens n'esse cemiterio recordações da infancia, entra ahi para procurar consoladoras commoções; porém deixa-me saudar de longe a triste habitação dos que mais tenho amado no mundo, e de longe enviar uma lembrança saudosa aos que jazem ahi, como envio a Deus as minhas fervorosas orações por elles.

E com as lagrimas nos olhos e o generoso coração palpitante, pronunciou o nome de cem nobres mancebos, seus companheiros nos brinquedos da infancia e nas esperanças da adolescencia, gloria um dia da opulenta e nobilissima villa, todos elles mortos n'aquella sangrenta, heroica e titanica lucta do euskera contra o euskera, do irmão contra o irmão.

— Quando tudo está tranquillo na margem do Ibaizabal, accrescentou, quando só interrompem o silencio da noite o gemido do carabo na funebre collina de Mallona e o silvo do vento nas arvores da ribeira, uma força mysteriosa me leva ás margens do rio, por onde discorro pensando nos que alli brincavam commigo na meninice, e hoje esperam n'esse recinto a resurreição universal; e quando dirijo a vista para a escura e solitaria collina de Mallona, parece-me que brancos e alados espiritos se congregam no espaço, e com voz mysteriosa e lugubre me gritam: «És pó e em pó te has de tornar.»

O terror que parecia dominar ao que isto me dizia fôra-se-me communicando, e, em vez de seguir para o cemiterio, apressei-me em afastar-me para o sanctuario de Begonha.

Por que, meu Deus, não permittes que aquelles brancos espiritos que se congregam sobre a collina de Mallona se ergam para lembrar á pobre Soledade o tremendo dia de juizo, quando a credula aldeã, todos os dias ao romper do sol, passa junto áquella collina com direcção á fresca floresta de Begonha, d'onde deverá voltar com a tunica da innocencia despedaçada!

Sim; todos os dias, quando o sol despontava pelos altos de Ganguren, Soledade atravessava a praça da Cruz e trepava para o sanctuario de Begonha.

No arvoredo, que precede o sanctuario, encontrava aquelle mancebo que, por primeira vez, fez bater de amor o seu coração, e lhe acordou na alma sonhos de felicidade que nunca a haviam perturbado.

Passaram-se dias e dias repetindo-se estas vistas, em que a pobre aldeã ouvia protestos de amor tão doces e tão ardentes, que o sacrificio da sua vida lhe parecia já pouco para corresponder ao amor que julgava ter inspirado.

Certa manhã conversava com o seu amado na campa de Begonha.

D. João parecia achar-se inquieto, e como-lhe perguntasse a causa, respondeu que fizera um verdadeiro sacrificio para ir n'essa manhã ao ponto de reunião, porque ás seis horas havia de estar na villa para negocio importante, no qual interessava a sua honra.

Instava com elle Soledade para que voltasse immediatamente á villa, e D. João, que dirigia a vista para a collina de Mallona, estremeceu de repente.

O relogio de Santo Antonio Abbade dava então a hora, e Soledade attribuiu a esta circumstancia aquelle estremecimento.

— Dão seis horas, e necessito separar-me de ti, apressou-se em dizer D. João. É mister que ámanhã nos vejamos, porém n'outro sitio.

— Onde?

— No alto de Miraflores, ás seis horas.

— Não faltarei.

— Adeus!

— Adeus!

D. João apertou a mão de Soledade e tomou o caminho da villa, falto de tempo para explicar á aldeã porque designava outro sitio para a manhã seguinte.

Soledade dirigiu-se ao sanctuario para ouvir alli a missa, em quanto D. João, na estrada que de Mallona se dirige para Begonha, se encontrava com uma dama joven e formosa, a que vira apparecer no momento em que o relogio de Santo Antonio Abbade dava a hora.

Aquella senhora chorava quando D. João lhe saíu ao encontro.

— Aonde vaes, minha menina? perguntou D. João.

— D'onde vens tu?

— De ouvir missa em Begonha.

— Ha quinze dias que saes ao amanhecer para ouvir missa?

— É verdade.

— Estás agora muito devoto!

— Sempre fui.

— Hypocrita!

E a dama joven e formosa desatou novamente em chorar sem consolação.

— Porém, querida mulher, por que vem essas lagrimas?

— Mau, desleal, assim cumpres as promessas de amar-me eternamente e de não querer outra?

— Mas quem te disse que eu amava outra?

— Dizem-m'o sobejamente o meu coração, a tua indifferença e a vida mysteriosa que levas ha dias.

— Juro-te que não ha nenhum mysterio nas minhas madrugadas. Hoje ou ámanhã vou emprehender viagem longa, e quiz vir implorar a protecção da Virgem.

O alto de Miraflores está ao oriente da villa, a pequena distancia d'esta, na estrada de Victoria, e n'elle ha formoso arvoredo, interpolado de bancos.

Ás seis horas da manhã do dia seguinte, Soledade estava sentada em um d'aquelles bancos. Olhava com impaciencia para a villa; mas aquelle a quem esperava não apparecia.

Aproximou-se uma diligencia. Qual não foi, todavia, a surpresa da aldeã quando viu apparecer a cabeça de D. João no postigo da carruagem, que parou junto do banco onde estava Soledade.

D. João apeou-se, e, tomando do braço a joven, levou-a quasi obrigada para a carruagem, cujo maioral gritava:

— Vamos, depressa... o gado súa e não me convem que esteja parado!

Soledade quiz resistir, quiz pedir explicações d'aquella especie de violencia, mas não teve tempo nem animo para isso. Antes que a surpreza e o medo lhe permittissem fallar encontrou-se sentada no interior da diligencia ao lado de D. João.

A carruagem continuou com velocidade em direcção de Zornosa.

Soledade e o seu raptor iam sós no interior da diligencia.

Assim que póde fallar, Soledade pediu conta ao amante do estranho procedimento que seguia com ella. Pouco entendia a innocente aldeã do que entre

pessoas mais cultas se chama «conveniencias sociaes»; porém, ainda assim, adivinhava que o proceder de D. João não era o dos homens honrados.

D. João, principiando por confessar que o seu procedimento se prestava a desfavoraveis interpretações, disse que, vendo-se necessitado de sair precipitadamente para Bayona, onde o chamavam interesses que constituiam a sua riqueza, não tivera valor para separar-se de Soledade, sem cujo amor e sem cuja presença o mundo era para elle um horrivel deserto.

— Chegando a Bayona, accrescentou, assim que assegure os ditos interesses, que estariam em grande risco sem a minha presença, se me demorasse sequer um dia, a religião sanctificará o nosso amor, e em breve regressaremos, honrados e felizes, á tua aldeia, para pedir e receber a benção de tua mãe, e um abraço fraternal de tua familia.

Com tal arte, com taes apparencias de sinceridade e convicção deu D. João estas explicações, que a pobre menina, cujo coração, como todos os corações namorados, só desejava um pretexto para acreditar e perdoar, acreditou e perdoou ao seu raptor.

Soledade e D. João hospedaram-se em uma das principaes hospedarias de Bayona.

Dois dias depois da sua chegada, Soledade chorava sem consolação, porque se considerava indigna do perdão e da benção de sua mãe.

Outros dois dias depois esperou D. João horas e horas, e até um dia inteiro, porém D. João não voltou!

VII

Uma tarde estava Catalina occupada no trabalho da casa, quando appareceu por alli a mulher de Domingos.

— Boas tardes, Catalina.

— Boas tardes, Joanna.

— Está sempre tão atarefada...

— Que queres, minha filha! Como dizia o meu defuncto marido, Deus ajuda os que trabalham.

— E tinha razão o pobre Ignacio! Veja como nós, á força de trabalho, temos ido progredindo. Louvado seja Deus, que ha dez annos apenas tinhamos sobre que cair mortos, e hoje colhemos grão para todo o anno, temos junta nossa, e Domingos já está pensando no modo de deitar ao campo um rebanhosito de ovelhas e outro de cabras. É verdade que á senhora e aos senhores devemos tudo, porque foram os que nos deram a mão, e...

— Cala-te, mulher, não tornes a fallar n'isso.

— É que, minha senhora, como diz o proverbio, «o que te dá a mão, dá-te o coração.»

— Deixa-te de proverbios e fallemos de outra coisa. Já veiu o Domingos?

— Pois não veiu aqui esta manhã para saber se queriam alguma coisa? Foi a Bilbáo.

— Por isso digo que veiu saber se queriam alguma coisa para Soledade.

— Sim, porque de todos os modos havia de ir vel-a... Não póde imaginar a affeição que tem á menina. É verdade: quem não a estima na aldeia? Bem póde dizer que tem uma filha que vale mais oiro que pesa.

— Filha da minha alma! Deus queira que se restabeleça em breve para que volte para casa, porque sem ella encontro-me como sem sombra, e outro tanto succede aos irmãos, particularmente Miguel.

— Já que fallou de Miguel, sabe que parece mentira que haja saido homem tão de bem e tão trabalhador?

— Oh! saiu uma joia! Filha, em quanto a esse tudo quanto se diga é pouco. Se o seu pae, que esteja em gloria, erguesse a cabeça, morreria novamente de alegria ao ver como todos os seus filhos honram o appellido que tem, e quão felizes tornam a sua mãe com a solicitude, a honradez e a applicação ao trabalho que os exornam. Bemditos sejam Deus e a Santa Virgem de Begonha, que tanta felicidade me dão sem eu a merecer!...

E lagrimas de alegria arrasaram os olhos de Catalina.

— Oiça, porém, exclamou Joanna, applicando o ouvido ao ruido de passos que vinha da escada; ahi temos Domingos, que lhe conheço os passos que dá com aquelle corpanzil que Deus lhe deu.

Domingos chegára, com effeito.

Devia ter-lhe succedido alguma coisa má, porque trazia o rosto alterado, o que notaram para logo sua mulher e Catalina.

— O que te succedeu, Domingos? apressou-se em perguntar esta ultima.

— Muitas coisas, minha senhora, respondeu Domingos sorrindo-se tristemente.

— Conta o que foi, exclamou Joanna com anciedade. Caíste do cavallo?

— Oxalá me succedesse tal desastre antes de chegar a Bilbáo, porque assim teria voltado para traz e não seria correio de más novas.

— Mãe de Deus! exclamou Catalina terrivelmente inquieta. Que succedeu a minha filha? Por que é a minha filha a quem se quer referir? Está peior? morreu?

— Não morreu; porém faça conta que...

— Domingos, acaba, por Deus, que me matas com essas vacillações!...

— Minha senhora, respondeu Domingos quasi chorando, não vê que é dar um golpe muito profundo em uma boa mãe dizer-lhe á queima-roupa...

— Quê! morreu a filha das minhas entranhas? Diga-m'o, diga-m'o, porque se a minha filha era o encanto da minha vida, resignar-me-hei com a vontade de Deus, imitando a mulher forte de que nos fallam os sacerdotes. Morreu a minha Soledade?

(Continúa)

JURAMENTOS, JURAS

A lingua mais rica e opulenta é pobre na manifestação das paixões. As palavras mais energicas nem sempre bastam para expressar os nossos arrebatamentos.

O que o diccionario não fornece, a paixão inventa-o; e d'ahi nasce a multidão de locuções expletivas com que muitas pessoas enchem o discurso para fortificar-lhe o sentido; palavras que, pela quarta parte, não significam coisa alguma, senão que o homem que as proferiu queria dizer mais do que disse.

Estas palavras não são juramentos, embora occupem o logar d'elles; e quasi sempre não tem sentido. As que se nos figuram tel-o, perdem-n'o ás vezes pelo emprego que fez o jurador.

Analysemos o sentido proprio de todos os juramentos que nos pareçam ter ou tenham sentido, e veremos que não accrescentam nada á phrase em que se acham intercalados; que sem elles a phrase está completa; e que figuram apenas como interjeições, como *ai de mim! meu Deus!* que só expressam a disposição do coração de quem as soltou. Os juramentos são antes gritos que palavras. São sons produzidos pela explosão da colera, como *ai de mim!* é um som formado por um suspiro de dor.

Estas observações são, principalmente, applicaveis ás juras dos modernos. Os juramentos dos romanos de hoje provém em parte dos romanos de outras eras. Jura-se alli indifferentemente, como nos tempos antigos, pelo corpo de Baccho, de Venus ou de Christo; *corpo di Bacco, di Venere, di Christo.* Os anti-

gos romanos tambem juravam por uma parte de si proprio: *Juro pela minha cabeça*, etc., o que tem sido seguido, pois que entre nós é costume dizer-se: *Pela minha cabeça, por esta cruz* (fazendo uma cruz com o index de cada mão), etc.

Os italianos e os hespanhoes são os povos onde mais abundam as juras, e algumas que proferem denunciam logo villania e barbaridade.

Os juramentos podem dividir-se em tres classes: em juramentos propriamente ditos, em falsos juramentos, e em blasphemias e grosserias.

Ha casos, digamol-o sem offensa, em que as juras são necessarias. Em todas as nações do mundo, os irracionaes são, como os homens, mais sensiveis ás injurias que aos comprimentos. A ameaça tem mais effeito sobre aquelles que a súpplica, e uma jura articulada correctamente e a proposito tem quasi a virtude de uma chicotada.

Não nos admiremos, pois, que em todas as nações do mundo as juras de toda a especie sejam de uso mais commum entre os carroceiros, carreiros e cocheiros. Parece que as juras são palavras magicas que apressam o rodar dos vehiculos e dão melhor andadura aos animaes que os tiram. Infeliz do conductor que não tenha a lingua sufficientemente vigorosa para proferir uma jura ou blasphemia, e a boca bastantemente grande para a expellir de um só jacto!

A lei antiga ordenava aos filhos de Israel que jurassem pelo nome de Deus. Era-lhes, comtudo, prohibido jural-o em vão. A lei nova, pelo contrario, prohibe absolutamente que se jure. S. Mattheus diz: «Ouviste que foi dito aos antigos: Não jurarás fal-



Cahique

so: mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo que absolutamente não jureis, nem pelo ceo, porque é o throno de Deus; nem pela terra, que é o assento de seus pés; nem por Jerusalem, que é a cidade do grande rei; nem jurarás pela tua cabeça, pois não pódes fazer que um cabello teu seja branco ou negro; mas seja o vosso fallar sim, sim; não, não; porque tudo o que d'aqui passa procede do mal [1].»

Os *quakers*, n'este ponto, observam rigorosamente o preceito sagrado. O Evangelho, e só o Evangelho: é a regra de seu procedimento. O rigor das justiças é obrigado a abater-se perante a severidade do caracter d'estes homens. A sua palavra nos tribunaes tem o valor do juramento.

Mas o juramento de um homem sem vergonha e sem brio não póde servir de penhor á verdade. Um d'estes cavalheiros, a quem a sociedade chama de *industria*, jurava e apostava que um certo facto que elle presenciára era verdadeiro; o que, sendo referido a um sujeito que o conhecia bem, teve a seguinte resposta: — Apostarei o dobro em como é falso esse facto, só porque Fulano affirma o contrario.

[1] S. Matth., cap. v., v. 33 a 37.

De taes individuos é que se póde dizer: — quanto mais juram, mais mentem.

Um dos mais bellos juramentos que se conhecem é o de Cicero. Os inimigos, que augmentaram com o seu energico proceder na conspiração de Catilina, apressaram-se em interrompel-o na occasião em que elle, prestando o juramento exigido para entrar nas funcções publicas, dizia: «*Juro... juro*, repetiu com voz que resoou em Roma inteira, *juro que salvei a republica!*»

B. A.

CAHIQUE

Para accrescentarmos a collecção dos barcos que se vêem no Tejo, publicámos hoje o retrato de mais um na gravura que acompanha estas linhas. É o cahique. Este barco arma com latinas, e, geralmente, sae construido dos estaleiros da villa do Barreiro.

A lotação do cahique não excede 22:500 kilogrammas, ou $22\frac{1}{2}$ toneladas metricas; e a tripulação, como quasi sempre se emprega na pesca, chega por vezes a ter o numero de vinte pessoas. A navegação é costeira.

APONTAMENTOS PARA A VIDA

E TRAGICA MORTE DO INSIGNE POETA BRASILEIRO ANTONIO GONÇALVES DIAS

(Vid. pag. 206)

II

Em 1851 foi Gonçalves Dias encarregado pelo governo imperial de percorrer as provincias do norte do Brasil. Dois eram os fins da sua missão: primeiro, estudar praticamente o estado da instrucção publica, e os meios que cumpria empregar para melhoral-a nas diversas localidades; segundo, recolher nos archivos publicos, nas camaras municipaes e nos conventos, todos os documentos que podessem ser de alguma utilidade, como subsidios para a historia do imperio nas epochas anteriores á sua independencia. Desempenhou o encargo como era de esperar da sua intelligencia e zelosa dedicação. Do Pará até Pernambuco fez amplissima colheita, e escreveu luminosos relatorios, que, infelizmente, parece se extraviaram na secretaria dos negocios do imperio. Salvou-se apenas, impressa na *Revista trimensal do Instituto*, vol. XVI, a memoria ou relatorio que apresentou a esta corporação, e tem por titulo: *Exame dos archivos dos mosteiros e das repartições publicas, para a collecção dos monumentos historicos relativos ao Maranhão*. É ahi que, entre outras reflexões sensatas e ponderosas sobre o alcance do assumpto, e os meios mais proficuos de tratal-o com vantagem, diz elle a pag. 373: «O mais importante da historia de um povo, ou de um determinado circulo, dos que seguem a civilisação européa, acha-se nos tribunaes judiciaes e nos cartorios dos seus escrivães. Nos processos, principalmente nos politicos, propõem-se os factos com os seus effeitos, os homens com as suas paixões; não ha incidente que se despreze, nem circunstancia que se deva omittir.»

De volta ao Rio de Janeiro em 1852, foi nomeado official da secretaria de estado dos negocios estrangeiros, primeira e bem merecida recompensa de seus trabalhos, e que devia ser-lhe incentivo para outros maiores. Casou pouco depois com a sr.ª D. Olympia C. da Costa, filha do sr. dr. Claudio Luiz da Costa, distincto medico brasileiro, que, entre outros cargos, exerce de muitos annos o de director do instituto imperial de meninos cegos no Rio de Janeiro. D'este consorcio houve unicamente por fructo uma filhinha, que pouco tempo viveu, de sorte que não deixou o poeta representante algum do seu grande nome.

O governo imperial, que se dera por bem servido com o desempenho dado á primeira missão, encarregou-o de novo de outra, não menos trabalhosa e importante. Era a de investigar tudo o que dizia respeito á instrucção publica nos estados mais civilisados do antigo mundo, e de examinar e fazer copiar toda a sorte de documentos valiosos que podessem servir para illustrar e esclarecer a historia patria, existentes nos archivos da Europa, e particularmente nos portuguezes.

Partiu, pois, Gonçalves Dias do Rio de Janeiro para a Europa em 1854, e tendo-se demorado em Lisboa o tempo necessario, fazendo algumas excursões em Coimbra, Evora, e n'outros pontos onde podia encontrar especies de proveito para o seu intuito, dirigiu-se successivamente a França, Inglaterra e Allemanha, para ahi examinar com detida attenção quanto dizia respeito á incumbencia que se lhe confiára, consumindo n'estes trabalhos perto de quatro annos.

Foi durante este intervallo que, achando-se em Leipzig, emprehendeu e concluiu uma nova e completa edição das suas poesias, já conhecidas do publico sob os titulos de *Primeiros*, *Segundos* e *Ultimos cantos* (estes publicados no Rio em 1851), addicionando-lhes outras até então inéditas, com a denominação de *Novos cantos*. Reunidos todos em um formoso e nitido volume, saíram com o titulo seguinte: *Cantos; collecção de poesias de A. Gonçalves Dias. Segunda edição*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857. Em 16.º de XXVII-654 pag. (Sobre esta edição, e pelo mesmo editor, se fizeram já terceira em 1860, e quarta em 1865, esta ultima em dois volumes e adornadas ambas com o retrato do poeta).

O illustre critico Ferdinand Wolf, no seu já citado *Brésil littéraire*, apresentando alguns excerptos d'este livro, diz a respeito do auctor (que então ainda vivia, e se esperava vivesse muitos annos) pouco mais ou menos o seguinte:

«Antonio Gonçalves Dias, nas suas *Poesias americanas*, avantajou-se a seus predecessores, deixando ficar traz si o proprio Araujo Porto-Alegre, que em suas *Brasilianas* lhe mostrára o caminho que cumpria seguir. Não satisfeito de descrever *subjectivamente* a impressão que lhe causam as particularidades da natureza e dos costumes brasileiros, elle consegue identificar-se *objectivamente* com as idéas e expressões dos indigenas. Tão depressa o vemos, como um vate indiano (piaga ou payé), explicar e conjurar as visões, tão depressa entoar canticos guerreiros, ou cantar os sacrificios e os combates sanguinolentos. Ora chorar, como um *marabá*, os destinos d'essa raça mestiça desprezada pelos indigenas: ora, transformado em joven indio, fallar dos encantos da *mãe d'agua*, que, similhante ás sereias, o attrahe para o seu leito humido. Em uma palavra, Gonçalves Dias approxima-se da *ballada*; acha-se no melhor caminho para crear uma poesia verdadeiramente *nacional*, e revestida de fórma apropriada ao gosto do nosso tempo. Não é, pois, para admirar que as suas *Americanas* tenham adquirido no Brasil uma grande popularidade. Ellas satisfazem egualmente o gosto dos europeus, e a nós peza-nos termos de nos restringir, e dar apenas alguns specimens, etc.»

Pelo mesmo tempo deu tambem á luz como amostra *Os tymbiras, poema americano*, cantos I a IV. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857. 8.º gr. de 91 pag. Este poema havia-o elle começado em 1848, levando-o logo até ao sexto canto, e planeando-o em vinte e tantos. Se o concluiu, como se julga provavel, deve reputar-se perdido, pois não appareceu cópia alguma entre os seus papeis, e o original viria naturalmente reunido a outras composições suas, de que se acompanhava na sua derradeira e fatalissima viagem. Intentára elle de principio offerecer á critica em primeira edição esta obra pouco a pouco, dando-a em folhetos de quatro até seis cantos, para depois de analysado, e aproveitadas as reflexões que judiciosamente se lhe fizessem, o enfeixar em volume.

Não contente em haver publicado o referido, e querendo mostrar, sem dúvida, que, supposto prezasse em muito a poesia, não era ella bastante para absorver os seus cuidados, e desvial-o de outras applicações de indole mui diversa, publicou tambem o *Diccionario da lingua tupy, chamada lingua geral dos indigenas do Brasil*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1858. 16.º de VIII-191 pag. Outro trabalho seu do mesmo genero fez inserir depois no tomo XVII da *Revista trimensal do Instituto*, com o titulo de *Vocabulario da lingua geral usada hoje em dia no alto Amazonas*. Estes estudos são provas irrecusaveis da sua predilecção pela ethnographia, e documentos do que n'ella aproveitou.

Nem são este e outro já acima citado os unicos trabalhos com que o illustre maranhense avolumou os importantissimos repositorios d'aquella sábia corporação. Varios outros existem disseminados nos tomos da *Revista*, dos quaes farei aqui a resenha succinta, para não ter de voltar a este ponto.

No tomo XI, a pag. 285, acha-se um *Canto inau-*

gural, por elle recitado á memoria do conego Januario da Cunha Barbosa, na sessão publica de 6 de abril de 1848, em que o instituto celebrou a inauguração dos bustos de seus fundadores fallecidos, o referido conego e o marechal Raymundo José da Cunha Mattos.

No tomo XVI, de pag. 469 a 505, uma extensa analyse apologetica da *Memoria historica* do sr. José Joaquim Machado de Oliveira sobre a questão de limites entre o Brasil e Montevideu, sustentando-a contra o parecer que a respeito d'ella apresentára o consocio Duarte da Ponte Ribeiro. E como o parecer fosse pelo seu auctor defendido com alguns argumentos novos, respondeu-lhe Gonçalves Dias com outra memoria analytica, que no mesmo volume corre de pag. 547 a 560.

Tem no tomo XVIII, de pag. 5 a 66, com o titulo de *Amazonas*, uma erudita memoria, em que desenvolve o programma que sua magestade o imperador dera para ser tratado no instituto em 14 de dezembro de 1853, concernente á investigação dos seguintes pontos: «Se existiram amazonas no Brasil? — Dado que existissem, quaes os testimunhos de sua existencia, seus costumes, usanças e crenças? — Se se assimilhavam ou indicavam originarem-se das amazonas da Scythia e Lybia? — Quaes os motivos do seu rapido desapparecimento? — E se não existiram, que motivos tiveram Orellana e Christovão da Cunha, seu fiador, para nos escreverem a sua existencia?» O poeta, tratando a questão á luz da critica sisuda, resolve-a pela negativa, concluindo que nem na Europa nem na America existiram jámais verdadeiras amazonas, no sentido que se tem dado a esta palavra; pois que nem nos monumentos historicos, nem no testimunho de antigos escriptores e de modernos viajantes encontra fundamentos razoaveis que o levem á opinião contraria. Quanto a elle, aquella existencia deve ser relegada para o paiz das fabulas.

E mais ha n'esse mesmo tomo, de pag. 289 a 334, umas *Reflexões* ácerca da *Memoria* em que outro illustre consocio, o sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, desenvolvêra e expozera, declarando-se pela affirmativa da segunda parte, outro programma proposto na sessão de 15 de dezembro de 1849: «Se o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou se teve elle alguns indicios que para isso o determinassem?» — Seguiu Gonçalves Dias a affirmativa do primeiro, sustentando a opinião que a esse respeito já deixára entrever em datas anteriores: porém o facto é que não obteve convencer d'esta vez o seu erudito adversario.

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

THOMAR

CASTELLO DOS TEMPLARIOS E CONVENTO DA ORDEM MILITAR DE CHRISTO

(Vid. pag. 223)

Logo que se effeituou a prisão dos templarios, nomeou Filippe IV inquiridores para procederem a uma devassa em todo o reino, e se formar processo aos cavalleiros do Templo.

El-rei, cuja politica tinha por fim principal, como dissemos em outro logar, elevar o poder real, desembaraçando-o das pêas com que pretendessem coarctar-lhe os passos os principios aristocratico, theocratico e popular, não consultou a curia pontificia sobre a instauração do processo. D'esta falta resultou que o papa, vendo postergada a sua auctoridade, não obstante o seu anterior accordo com o rei de França, irritou-se sobremaneira, e, para demonstração do seu poder, suspendeu immediatamente os inquiridores do exercicio das funcções que o monarcha lhes commettêra. Não tardou, porém, a reconhecer Clemente V quão falsa era a sua posição e fragil o seu poder para luctar com Filippe, o Formoso. A firmeza e energia d'este soberano facilmente subjugaram a vontade do pontifice, que, além de lhe dever a tiara, achava-se então como seu prisioneiro na cidade de Poitiers, onde o astuto rei o attrahíra para melhor o ter sob a sua sujeição.

Viu-se, pois, obrigado Clemente V a desistir da sua opposição ao proseguimento do processo, e, ainda para maior humilhação, foi constrangido a auctorisar a applicação de tratos aos infelizes templarios, com os quaes esperava Filippe IV arrancar-lhes confissões que servissem de provas para a sua condemnação.

Desde que o papa teve a fraqueza de auctorisar similhante medida, começou em todos os paizes, menos em Portugal, que se limitou a uma devassa pacifica, a perseguição contra a ordem do Templo.

Thiago de Molay e os mais cavalleiros templarios, presos em França, foram postos a tratos, com o pretexto de confessarem seus crimes. Horriveis tormentos lhes infligiram. Cavalleiros houve que os supportaram com admiravel coragem, com a coragem de verdadeiros martyres, negando sempre, no meio das mais crueis torturas, os crimes de que os accusavam. Outros expiraram entre os tormentos, proclamando até ao derradeiro suspiro a sua innocencia. Alguns, porém, mais fracos d'alma, atormentados e allucinados pela vehemencia da dor, prestaram-se, no auge da desesperação, a confessar o que lhes dictavam os seus verdugos. Retratavam-se estes depois com animo firme e resoluto; mas as confissões que lhes tinham extorquido lá iam servir de provas no processo.

Já muitos cavalleiros tinham perecido nas chammas, quando o papa, horrorisado e cheio de remorsos com taes execuções, chamou a si o julgamento do grão-mestre e dos que exerciam as dignidades da ordem.

Não era Filippe IV homem que assim deixasse escapar-se-lhe a sua melhor preza, a mais alta cabeça de quantas desejava decepar, a cabeça, em fim, d'essa ordem guerreira, que tanto assombrára a sua soberania, e que elle resolvêra anniquilar em lucta a todo o transe.

Depois de alguma constestação entre el-rei e o papa, vendo aquelle a resistencia d'este em ceder do seu proposito, apresentou-se em Poitiers, e o resultado da sua conferencia com o pontifice foi a nomeação de uma commissão, composta do bispo de Alba e de dois cardeaes, para o julgamento do grão-mestre e mais cavalleiros.

Passava-se isto em 1308. D'esta vez ainda não conseguiu Filippe, o Formoso, a abolição da ordem. Clemente V, combatido de um lado pelos amigos e defensores dos templarios, que lhe exprobravam a sua injustiça e fraqueza, e do outro pelo rei de França, que exigia a execução do accordo entre ambos concertado, e que o intimidava com plausibilidade, pois que o tinha no seu reino, e, por assim dizer, á sua mercê, hesitava e tremia no meio de tão oppostas paixões e de tão desencontrados interesses. Sustentado, porém, n'esta sua reluctancia por alguns cardeaes que o cercavam, e que souberam inspirar-lhe resolução, Clemente V recusou-se tenazmente a abolir a ordem n'aquella occasião. Mas, transigindo com o monarcha, desistiu de julgar elle proprio os templarios.

Filippe IV julgou tambem prudente contemporisar. Voltou, pois, para a sua capital, e tratou cuidadosamente de se mostrar benevolo para com o povo, e por tal modo soube chamal-o a si, que em breve lhe serviu o principio popular de elemento de força para arrostar com todas as opposições até alcançar o fim desejado.

Chegados a Paris os delegados do papa, constituiram-se em tribunal de justiça para julgarem o grão-mestre e as dignidades da ordem. Ao mesmo tempo

se reunia tambem em Paris uma commissão nomeada pelo rei para tomar conhecimento do processo e informar do resultado. Esta commissão citou todos os templarios que se achavam presos em França a comparecerem na sua presença. Era um tribunal da parcialidade do soberano. Os templarios eram accusados: 1.° de renegar a religião de Jesus Christo por occasião da sua entrada na ordem, e cuspir na cruz; 2.° de se entregarem a deshonestidades abominaveis; 3.° de adorarem a Baphomet, idolo doirado e prateado.

O interrogatorio de centenares de reus e o depoimento de consideravel numero de testimunhas, juntamente com as delongas motivadas pelas diligencias e esforços contrarios dos amigos e inimigos dos templarios, fizeram com que este processo, começado perante a dita commissão em 1308, entrasse pelo anno de 1310. N'este anno 546 templarios, animados com os esforços sobrehumanos que os seus protectores empregavam para os salvar, apresentaram ao tribunal uma representação justificativa, negando todos os crimes de que os accusavam, retratando as confissões que lhes extorquiram por meio de tormentos, dando por falsas, calumniosas e assalariadas as testimunhas que tinham deposto contra elles, e acabando por demonstrar as iniquidades do processo.

Em quanto estas coisas se passavam, os delegados pontificios deram por findo o julgamento que lhes estava commettido, condemnando os reus a prisão perpetua.

Ficou contrariado Filippe IV com esta sentença, porque o que elle queria era que o grão-mestre fosse condemnado á morte pelos delegados do papa, para d'este modo auctorisarem egual condemnação para os mais cavalleiros do Templo.

Simlhante estorvo a taes designios pareceria uma difficuldade insuperavel a outro qualquer que não tivesse a resolução e vontade de ferro de Filippe, o Formoso. Auxiliado pelo seu ministro, Enguerrando de Marigny, conde de Longueville, que tambem se fez celebre na historia pela singular energia e nimia crueldade do seu caracter, o monarcha francez zombou da decisão dos delegados pontificios e das perplexidades e opposições de Clemente V.

O ministro conseguiu que o seu parente Filippe de Marigny, arcebispo de Sens, convocasse em Paris um concilio provincial para julgar os templarios. O concilio, declarando relapsos 54 d'estes infelizes, entregou-os á justiça secular, que os condemnou a morrerem no fogo, e, sem mais demora, foram conduzidos ao supplicio e queimados vivos.

Depois d'este acto, que demonstrava que o rei de França reunira ao apoio do povo o do clero, o papa deixou de resistir ás exigencias incessantes que lhe faziam para a abolição da ordem. No concilio ecumenico, convocado por Clemente V na cidade de Vienna, em França, foi abolida, finalmente, a ordem do Templo no dia 14 de abril de 1312, e todos os seus bens encorporados nos da ordem de cavallaria de S. João de Jerusalem. Filippe IV, que ainda não estava contente com a posse do edificio do *Templo*, em Paris, e das avultadas riquezas que elle encerrava, exigiu depois, á vista da decisão do concilio, trezentas mil libras como custas do processo.

Os principaes fins que moveram o monarcha francez a entrar n'esta tremenda lucta estavam pois satisfeitos. O poder real triumphára dos principios theocratico, aristocratico e popular, todos os quaes se dobraram a seu turno ante a firme vontade do soberano. A poderosa ordem de cavallaria, que parecêra hombrear com o soberano, e que por vezes lançára a sua espada na balança da politica, fazendo-a pender contra o rei de França, achava-se anniquilada, e os seus despojos tinham vindo acudir á penuria do thesouro real. A vingança, porém, del-rei é que não estava ainda satisfeita. Precisava de sacial-a na cabeça mais alta da ordem, que tantos elementos de opposição lhe suscitára, e que por tão perigosos transes o fizera passar.

Um dia, quando todos julgavam os odios del-rei afogados no sangue illustre de tantas victimas, ou pelo menos adormecidos ao som dos hymnos da victoria, reune Filippe IV o seu conselho, e, sem mais consulta nem reforma da sentença dada pelos commissarios do papa, condemna o grão-mestre dos templarios, e Guido, delphim de Auvergne, e Hugo de Peralde, que tinham desfructado os mais elevados cargos da ordem, a serem queimados vivos. E logo em seguida foram os tres miseros padecentes conduzidos da prisão, no silencio da noite, á ponta da ilha do Sena, onde hoje se vê, junto á ponte Nova, a estatua equestre de Henrique IV. Foi horrivel o supplicio. Queimados a fogo lento, sob pretexto de terem tempo para se arrependerem e confessarem as suas culpas, beberam o calice da agonia trago a trago, no meio das mais crueis e dilacerantes dores. Mas não os abandonou a constancia em todo esse longo martyrio. Bradando sempre contra a justiça dos homens, e appellando para a justiça de Deus, até nos momentos da maior afflicção da agonia, expiraram proclamando a sua innocencia e a da ordem (18 de março de 1314).

Contam muitos historiadores que o grão-mestre, Thiago de Molay, bradára, poucos momentos antes de expirar: «Clemente, juiz iniquo e cruel, emprazo-te para compareceres dentro em quarenta dias ante o tribunal de Deus.» E do mesmo modo emprazou a el-rei Filippe para comparecer dentro de um anno.

Ou fosse porque chegassem aquellas palavras fataes ao conhecimento da papa, e lhe lançassem na alma o terror; ou porque a noticia de tão barbaro supplicio exacerbasse e désse maior vulto aos remorsos que o atormentavam desde a instauração do processo dos templarios; ou por qualquer outra razão, o que é certo é que o papa Clemente V morreu em abril do mesmo anno de 1314, antes de se completarem quarenta dias depois da morte do grão-mestre. E Filippe IV pouco mais tempo se gozou dos seus triumphos. Em resultado de uma quéda que deu do cavallo, andando á caça, falleceu, ainda na edade vigorosa de 46 annos, em novembro do dito anno de 1314, passados apenas oito mezes depois da terrivel execução do grão-mestre dos templarios.

Finalmente, como complemento d'esta grande tragedia, e para que nenhum dos principaes auctores da catastrophe da ordem do Templo deixasse de ir em breve espaço prestar conta dos seus actos perante o tribunal da justiça divina, Enguerrando de Marigny, o implacavel inimigo dos templarios, que tão efficaz e tenazmente auxiliára a Filippe, o Formoso, na perseguição movida contra aquelles cavalleiros, foi accusado e condemnado, sem ser ouvido, por crime de feiticeria e de delapidação da fazenda publica, logo depois de subir ao throno Luiz X, filho de Filippe IV.

No seguinte anno de 1315 foi justiçado na forca de Montfaucon, por elle proprio mandada construir, e na qual tinham acabado miseravelmente a vida, por sua ordem, tantos infelizes.

Diremos no capitulo seguinte o que se passou em Portugal a respeito do processo dos templarios e da extincção da ordem.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

São as nuvens regadores do ceo para a fertilidade da terra; são toldos armados contra os ardores do sol; são ilhas nadantes e montes que voam; candidas nuvens que servem de mantilhas ao sol quando nasce; em nuvens negras se amortalha quando morre; e quando o acompanham purpureas, fazem mais pomposa do principe dos astros a retirada. D. RAPHAEL BLUTEAU.